

“Dan Ariely oferece insights capazes de evitar que a nossa sociedade seja destruída pela desinformação.” – YUVAL NOAH HARARI, autor de *Sapiens*

DESINFORMAÇÃO

O que faz pessoas racionais acreditarem em fake news, teorias da conspiração e outras coisas irracionais



DAN ARIELY

Autor de Previsivelmente Irracional



SEXTANTE

Este livro é dedicado aos negacionistas que me ajudaram a compreender sua visão de mundo e, no processo, a entender melhor a sociedade em que vivemos. Muitos começaram como antagonistas, mas acabaram se tornando meus guias antropológicos. Alguns, de um jeito estranho, meio que se tornaram meus amigos, ou quase isso. Agradeço de verdade por seu tempo e sua orientação.

COMO VIREI O DIABO

*Uma introdução que você deve ler mesmo
que tenha o hábito de pular introduções*

*Nunca imagine que não ser diferente daquilo que pode parecer
para os outros que você foi ou poderia ter sido não seja diferente
daquilo que tendo sido poderia ter parecido para eles ser diferente.*

– LEWIS CARROLL, *Alice no País das Maravilhas*

“Dan, não acredito no que você se tornou. Uma pessoa tão gananciosa... Como você pôde mudar tanto assim?”

Reconheci o nome no e-mail: Sharon, uma mulher que muitos anos antes me pedira ajuda para elaborar um workshop sobre mudanças comportamentais no ambiente de trabalho. Na época, passei três horas ajudando Sharon a montar sua apresentação e não cobre nada por isso. Após o workshop, ela me ligou para agradecer e nossa relação parou por aí – até julho de 2020, quando recebi essa mensagem estranha e enigmática.

Respondi no mesmo instante: “De que exatamente você está falando?”

Sua resposta veio com vários links e, quando cliquei neles, embarquei numa das jornadas mais desconcertantes, perturbadoras e fascinantes da minha vida. Foi como se eu tivesse ido até a fronteira da realidade conhecida e puxado uma cortina para revelar um universo paralelo em que alguém com meu rosto, minha voz e meu nome cometia perversidades que ameaçavam a humanidade em escala global – e fazia isso havia um bom tempo. Parecia o primeiro capítulo de um livro de ficção científica. Os links de Sharon me levaram para uma série de sites que me retratavam como “o grande articulador” da “fraude da covid-19” e um líder da “trama da Agenda 21”. Nesse universo paralelo, eu e meus amigos Illuminati estávamos conspirando com Bill Gates, bolando um plano maligno para injetar nas mulhe-

res vacinas que as tornariam inférteis e reduziriam a população mundial, ao mesmo tempo que criávamos um sistema internacional de passaporte de vacinas que permitiria aos mandachugas (supostamente Bill, os Illuminati e inclusive eu mesmo) rastrear o movimento de todas as pessoas pelo planeta. Colaboradores do site elaboravam ainda mais essas ideias e alegavam que eu estava trabalhando com vários governos pelo mundo para controlar e manipular os cidadãos.

Fiquei sem saber o que pensar, mas li aquilo com um sorriso no rosto. Afinal, era absurdo – e, só para deixar claro, uma mentira completa. Minha principal conexão com Bill Gates tinha sido um rápido trabalho alguns anos antes para a Fundação Bill & Melinda Gates sobre nutrição na primeira infância na África. Eu definitivamente nunca tinha feito parte dos Illuminati (e não saberia me juntar ao grupo nem se eu quisesse). Nenhuma vacina para a covid-19 tinha sido aprovada até então e eu não tive qualquer participação no desenvolvimento de nenhuma delas. Trabalhei, sim, com governos de outros países, mas em pequena escala: meus conselhos se limitavam a questões como incentivo ao distanciamento social e ao uso de máscaras durante a pandemia; distribuição mais eficiente de auxílios financeiros; políticas para motivar professores e alunos; combate à violência doméstica. Eu pensava em mim mesmo como alguém que trabalha incansavelmente para melhorar as coisas, e havia gente me comparando a Joseph Goebbels, o lacão de Adolf Hitler e maior divulgador do nazismo. Seria aquilo uma piada de mau gosto? Ou talvez um mal-entendido bizarro? Não era possível que alguém levasse aquelas insanidades a sério.

Fui pulando de link em link até chegar às entranhas da internet e descobrir que, sim, muita gente levava aquilo muito a sério. As publicações sobre mim reuniam milhares de comentários. Meu “irmão gêmeo do mal” aparecia em vídeos mal editados, às vezes usando um uniforme nazista e sempre com intenções desprezíveis. Um júri virtual debatia meus desvios de caráter e minhas motivações nefastas. Havia pedidos para um “juízo de Nuremberg 2.0” para me condenar e me sentenciar a execução em praça pública.

Após várias horas lendo aqueles textos e assistindo àqueles vídeos, parei de achar graça. Na verdade, aquilo tudo era doloroso e confuso, especialmente quando descobri que as pessoas que acreditavam nas mentiras sobre mim não eram apenas desconhecidas; eram também pessoas que antes

estudavam e respeitavam meu trabalho, e até algumas que me conheciam havia anos. Como elas podiam estar tão enganadas a meu respeito? Imaginei que, se conversássemos, elas com certeza cairiam em si. Talvez até me pedissem desculpas.

Vi que uma das líderes da discussão, Sara, tinha disponibilizado seu número de telefone. Era ela quem dizia que eu deveria ser julgado. Ela estava certa de que, quando meus crimes contra a humanidade se tornassem públicos, eu seria um dos primeiros a ser enforcados enquanto todo mundo assistiria numa comemoração catártica. Resolvi ligar para ela e explicar a situação. O que poderia dar errado?

Muita coisa, na verdade. A ligação não correu nada bem – por motivos provavelmente óbvios para qualquer um que já tenha cogitado convencer alguém a mudar de ideia com uma ligação-surpresa. Só que eu não estava pensando direito; estava profundamente ofendido e abalado. Depois de me apresentar, expliquei que eu queria esclarecer as coisas e que ela poderia me perguntar tudo que quisesse. Suas primeiras indagações me surpreenderam. Ela queria saber minha opinião sobre tudo que estava acontecendo. Quando comecei a falar sobre a covid-19, ela me interrompeu no mesmo instante:

– Não, não, não! O que você sabe sobre a relação da covid-19 com a Agenda 21 e os globalistas?

– Eu nem sei o que é Agenda 21 – respondi – e não tenho a menor ideia de quem sejam esses globalistas.

– Não banque o inocente comigo – rebateu ela. – Eu sei quem você é e o que faz.

Então ela mudou de assunto e quis saber sobre os projetos que eu tocava com governos no mundo todo. Na época, eu estava imerso em projetos relacionados à covid-19 com o governo israelense e um pouco com os governos da Grã-Bretanha, da Holanda e do Brasil. Diante das perguntas incisivas de Sara, eu era o réu e ela, a promotora. Expliquei que eu tentava instaurar uma política de recompensas para incentivar o uso responsável de máscaras e o cumprimento do distanciamento social. Eu também queria encontrar um método mais eficiente de educação a distância e calcular o apoio financeiro que o governo deveria oferecer para quem tinha sido obrigado a fechar o próprio negócio.

Sara não engoliu nada disso. Nem por um instante.

– E você não está separando famílias, dizendo para netos não visitarem os avós? Não está aumentando a solidão e o estresse, causando mais mortes? Não está obrigando crianças a usar máscaras que diminuem o suprimento de oxigênio para o cérebro?

Minhas fracas tentativas de negar todas essas acusações não funcionaram.

– Como você explica os milhões que recebeu por serviços de consultoria para diversos governos? – questionou ela.

Aqui, na minha ingenuidade, tive um vislumbre de esperança. Até então, todas as acusações tinham sido tão absurdas que eu não sabia nem como começar a rebatê-las. Existe uma frase em hebraico cuja tradução é mais ou menos assim: “Como você vai provar que a sua irmã não é prostituta se você nem tem uma irmã?” Mas... dinheiro? Isso eu poderia desmentir. Apesar de ajudar muitos governos, encaro isso como parte da minha missão acadêmica, então nunca cobro pelos meus serviços. Além disso, como todos os outros cidadãos americanos, pago meu imposto de renda todo ano e todas as minhas fontes de renda são declaradas.

– E se eu lhe mostrar minha declaração de imposto de renda – sugeri – para você ver que não recebi pagamentos de governo algum? Isso mudaria sua opinião?

Ela resmungou qualquer coisa e subitamente me perguntou se poderia publicar uma gravação da nossa conversa na internet. Fiquei surpreso. Eu nem imaginava que ela estava gravando a conversa. (Depois descobri que pessoas que trabalham na “área” dela gravam tudo.)

– Não, não pode – respondi.

– Você está escondendo alguma coisa? – desafiou ela.

– Não, não estou escondendo nada, mas, se eu soubesse que esta seria uma conversa pública, teria me preparado melhor. – Fiz uma pausa, sem saber o que mais poderia dizer. Tínhamos chegado a um impasse. Após mais algumas tentativas em vão, falei para ela: – Que pena que não conseguimos superar nossas diferenças.

E desliguei.

Alguns minutos depois, Sara fez outra publicação no Facebook, contando que o professor Dan Ariely – “o Professor”, como agora me chamava – havia telefonado para ela numa tentativa de se inocentar. Mas seus seguidores não precisavam se preocupar, porque ela não tinha deixado o

Professor enganá-la. A conversa deixara claro para ela que, se os governos contratavam consultores como eu, era apenas para fazer lavagem cerebral nos cidadãos. Afinal, por que outro motivo os governos precisariam dos meus serviços se houvesse uma pandemia de verdade? A análise de Sara foi concluída assim: “O Professor foi muito insistente ao dizer que não recebeu nada por seu trabalho, e essa insistência aumentou minha desconfiança de que há muito mais acontecendo por baixo dos panos. Vamos revelar tudo no dia em que ele for levado a julgamento público.”

Obviamente, a conversa com Sara não foi muito útil. Sabe aquelas pessoas que demoram a aprender? Sou uma delas. Mesmo depois disso tudo, continuei tentando. Fui parar no Telegram, a plataforma social preferida dos meus críticos. O aplicativo desenvolvido por russos foi projetado para pessoas desconfiadas. O código-fonte é aberto, para garantir que nada suspeito aconteça nos bastidores, e a plataforma facilita a gravação e o envio de vídeos de um minuto. Mergulhei de cabeça e enviei uma série de vídeos respondendo a acusações variadas: de que eu era responsável pelas quarentenas; de que eu era responsável pelo uso obrigatório de máscaras, que fazem mal ao cérebro por limitar o oxigênio; de que eu era responsável pela ausência de liberdade humana básica, pelo medo, pelos conflitos familiares, por distanciar netos e avós e pela solidão das pessoas por todo o mundo.

Para cada ponto, ofereci esclarecimentos racionais sobre o que eu estava fazendo ou não na minha cooperação com governos. Combate à violência doméstica, sim. Quarentenas, não. Incentivo ao ensino infantil a distância, sim. Cultura do medo, não. Apresentei evidências que obviamente desmentiam as preocupações sobre o uso de máscaras. Se as máscaras limitassem o oxigênio que vai para o cérebro, não teríamos visto exemplos de declínio cognitivo em cirurgiões e dentistas muito antes da covid-19? Expliquei quanto eu lamentava que as pessoas se sentissem sozinhas e as crianças se sentissem reclusas. Também afirmei que não concordava com tudo que os governos estavam fazendo, mas que muitas decisões eram complexas e tinham seus prós e contras.

Cada vídeo que eu publicava era atacado com comentários e vídeos contendo várias outras acusações voando pela minha tela como um enxame crescente de vespas raivosas. Eu não conseguia acompanhar tudo, não conseguia responder rápido o bastante. Só conseguia irritar as vespas

ainda mais. Não demorou muito para eu sentir que eram mil contra um e que nenhuma daquelas pessoas desejava de fato dialogar. Elas pegavam minhas palavras e as distorciam para justificar suas narrativas. Lançavam novas acusações mais rápido do que eu conseguia rebatê-las. Em certo momento, entendi que eu só estava fornecendo mais material para editores sem escrúpulos. Desisti e apaguei meus vídeos, um ato que foi interpretado como outra prova da minha falta de caráter e uma admissão de culpa. Enquanto saía do Telegram, refleti que talvez fosse impossível argumentar com pessoas que querem acreditar no que já acreditam e estão tomadas pelo ódio. O ódio não permite conversas.

Não demorou muito para a negatividade vazar do universo paralelo e chegar ao meu mundo. Minhas redes sociais foram inundadas por comentários maldosos. As pessoas diziam que estavam queimando meus livros. Ligavam para meus sócios e falavam mal de mim e até da minha família. Comecei a receber ameaças de morte quase todos os dias.

Se você já foi alvo de algum tipo de ódio – dentro ou fora da internet – ou foi vítima de um engano, talvez entenda um pouco como me senti: às vezes impotente, às vezes furioso, às vezes assustado, sempre injustiçado. Também fiquei intrigado. Por que aquilo estava acontecendo justo comigo? Como eu tinha me tornado um pária? Tudo bem, dá para entender atacarem Bill Gates. Ele é rico e famoso e tem uma fundação que trabalha com saúde pública. É claro que isso não faz dele um gênio do mal, mas justifica ele virar um alvo. E quanto ao Dr. Anthony Fauci? Bem, ele vive aparecendo na TV e faz declarações impopulares sobre máscaras e quarentenas. Isso também não faz dele um gênio do mal, mas, de novo, dá para entender a atenção que recebe. Os Illuminati? Se eles realmente existem, são uma sociedade secreta bem esquisita que talvez mereça ser tema de teorias da conspiração. Mas um cientista social vagamente conhecido que escreveu alguns livros sobre por que as pessoas são irracionais? Eu não fazia ideia de como tinha ido parar num grupo de alvos tão ilustres.

Por que eu?

Comecei a analisar com mais cuidado as “evidências” que levavam tantas pessoas a me odiar. O conteúdo mais compartilhado, ao que parecia, era

um vídeo meu sugerindo que, para reduzir os custos médicos, deveríamos reduzir a velocidade das ambulâncias, incentivar o tabagismo e aumentar o estresse de toda a população. O rosto realmente era meu, a meia barba era minha (daqui a pouco explico a história dessa barba), as palavras eram minhas e eu me lembrava de ter falado aquelas coisas. Mas eu nunca tinha feito aquele discurso específico. Como assim? Para entender melhor, voltemos à Irlanda de 1729.

Jonathan Swift, mais conhecido por escrever *As viagens de Gulliver*, também escreveu uma sátira fantástica, porém um pouco menos popular, chamada “Uma proposta modesta”. Na verdade, o título completo é muito maior e basicamente entrega todo o conteúdo do texto: “Uma proposta modesta para impedir que os filhos das pessoas pobres da Irlanda sejam um fardo para seus progenitores ou para o país e para torná-los proveitosos ao interesse público.” Na obra, Swift sugere que os irlandeses pobres poderiam amenizar seus problemas econômicos se vendessem os filhos como comida para cavalheiros e damas da aristocracia. E Swift não parou por aí; ele entrou em detalhes: “Uma criança saudável e bem-nutrida com 1 ano de idade é o alimento mais nutritivo e saboroso, seja ela *ensopada, tostada, assada* ou *cozida*, e não tenho dúvida de que será igualmente adequada para um fricassê ou ragu”, escreveu ele. O texto, hoje muito usado como um exemplo de arte satírica, apresenta um argumento chocante – e eficiente – sobre comportamentos em relação aos pobres.

Talvez você esteja se perguntando o que isso tem a ver com nossa história. Bem, em 2017 decidi fazer minha própria proposta modesta. Eu tinha sido convidado para me apresentar numa conferência médica sobre o futuro da medicina. É óbvio que não sou médico, então meu papel era refletir sobre os desafios da medicina sob a perspectiva da economia comportamental. “O problema da medicina moderna”, falei, “é obviamente um problema de oferta e demanda. As pessoas querem muita assistência médica, mas a capacidade do sistema é limitada. Hoje, a maioria dos especialistas que abordam essa questão tenta entender de que maneira o sistema de saúde pode oferecer mais. Quero propor uma abordagem diferente: que as pessoas exijam menos. Essa seria claramente uma forma bem mais barata de equilibrar a diferença entre oferta e demanda. Então como podemos fazer com que as pessoas exijam menos assistência médica?” Sugeri, segurando o riso,

que ambulâncias mais lentas poderiam mitigar a necessidade de hospitalizações caras, assim como o aumento do tabagismo e do estresse (acaba que, de uma perspectiva apenas financeira, o cigarro e o estresse matam pessoas doentes mais rápido e, no fim das contas, reduzem gastos com a saúde). Minha piada, caso alguém não tenha entendido, queria dizer: “Opa! Espera um pouco... Já estamos fazendo tudo isso.”

Era óbvio que eu pretendia enfatizar que o sistema de saúde não se preocupa com as pessoas até elas darem entrada num hospital (ou numa ambulância, na minha história) e que não investimos o suficiente na saúde preventiva, no combate ao fumo e na redução do estresse. Durante a palestra, eu me esforcei muito para permanecer sério, mas, se você prestasse atenção, notaria um sorrisinho escapar de vez em quando. E a descrição no YouTube deixava claro que se tratava de um discurso de humor recebido com risadas e aplausos pela plateia.

Infelizmente, parte alguma desse contexto foi preservada pelas mãos dos editores do vídeo, que manipularam o discurso para criar provas das minhas intenções nefastas. Eles misturaram trechos com imagens de campos de concentração nazistas e uma trilha sonora de risadas malignas. O vídeo terminava com uma narração ameaçadora: “E é essa pessoa que está ditando as prioridades no nosso país.” O texto que acompanhava o vídeo fazia parecer que o incrível trabalho de pesquisa dos produtores tinha descoberto uma série de fatos sobre meu verdadeiro caráter, apresentando aquilo tudo como o suprassumo do jornalismo investigativo.

Outra “prova” muito compartilhada foi um trecho de um programa de TV do qual eu participara. Eu parecia declarar que tinha trabalhado com Bill Gates em assuntos relacionados a vacinação. No entanto, se você prestasse bastante atenção, notaria uma pequena falha na frase, porque os editores pegaram a declaração em que eu explicava o projeto da Fundação Gates sobre fome e nutrição na primeira infância na África e a juntaram com uma frase diferente em que eu falava de vacinas. E *voilà*: o Professor Dan Ariely admite trabalhar com Bill Gates num “esquema de vacinação”.

Outro vídeo com ares de reportagem começava com fotos minhas no hospital durante a adolescência, após um acidente que causou queimaduras em 70% do meu corpo (isso de fato aconteceu). Ele mostrava closes do meu rosto queimado e imagens de curativos pelo meu corpo inteiro. Então

vinha a grande revelação: minha desfiguração e meu sofrimento tinham me transformado em alguém ressentido que odiava pessoas saudáveis, e agora o que eu queria era que todo mundo sofresse tanto quanto eu. Na realidade, o acidente teve o efeito oposto: foi algo que me despertou compaixão e me fez querer aliviar o sofrimento alheio. Mais uma vez, o vídeo terminava com um comentário dramático sobre meu papel na destruição do nosso mundo.

Havia muitas outras “provas”, algumas em vídeo, outras em texto, seguidas por declarações maldosas sobre minhas cicatrizes, com pessoas falando que eu deveria ter morrido queimado e que minha meia barba me fazia parecer o diabo.

Considerando a edição que propositalmente tirou minha fala de contexto e colocou palavras na minha boca, talvez o mais óbvio fosse eu concluir que havia alguém mal-intencionado por trás daquilo tudo. Só que, apesar de a possibilidade ter passado pela minha cabeça, logo deixei de lado a ideia de que eu pudesse ter um arqui-inimigo. Primeiro, a edição dos vídeos não era lá muito boa. Segundo, por que alguém teria interesse em me prejudicar? Não que eu tenha complexo de inferioridade, mas era difícil me imaginar como alguém tão importante a ponto de quererem me destruir. Meu palpite era que as pessoas por trás dos vídeos eram bons samaritanos (pelo menos se viam assim) que depararam com os trechos sem edição, juntaram os pontos, chegaram às próprias conclusões, confiaram nelas, editaram as partes relevantes para destacar as conexões para outras pessoas e então disseminaram sua obra para ajudar o mundo a ver a luz. De quebra, ainda ganhariam curtidas e comentários nas redes sociais – ao mesmo tempo uma recompensa e uma motivação para continuar.

Fiquei especialmente triste com as pessoas que diziam que estavam queimando meus livros (algumas até prometiam compartilhar vídeos das fogueiras). Teoricamente elas tinham comprado e lido os livros, então conheciam minha história, minha motivação, a maneira como penso e os resultados da minha pesquisa. Como podiam descartar tudo que sabiam sobre mim por causa de um vídeo de três minutos? Mesmo que achassem que as “evidências” deveriam ser levadas em consideração, como poderiam usá-las para avaliar tudo que sabiam a meu respeito e terminar sentindo tanto ódio? Nas redes sociais, muitas diziam que fariam “a própria pesqui-

sa” e convocavam seus colegas a fazer o mesmo. Só que era óbvio que ninguém fazia pesquisa alguma além de assistir a alguns vídeos extremamente editados, engolir tudo que diziam e então tirar conclusões precipitadas. A famosa frase (de autoria duvidosa) “Não há esforço que o ser humano não faça para fugir do trabalho real de pensar” me ocorria como uma verdade que se aplicava especialmente às redes sociais.

Ainda não sei ao certo como me tornei vilão. Mas acho que tem algo a ver com o fato de eu publicar muito material na internet para as pessoas analisarem; com o meu senso de humor esquisito; com a minha aparência peculiar cheia de cicatrizes e uma barba pela metade; e com os muitos projetos que toco em parceria com governos ao redor do mundo. Também existe um elemento de puro azar: alguém começou a me ver com maus olhos, fez alguns vídeos e eles se tornaram uma avalanche irrefreável de desinformação e ódio. Essa não é uma resposta satisfatória, mas foi a melhor que encontrei. Agora estou pronto para me aprofundar no assunto, e você também deve estar. Mas, primeiro, uma breve explicação sobre minha meia barba.

Que meia barba é essa?

A principal explicação para meu estilo alternativo de barba é que, por causa das minhas cicatrizes de queimadura, não tenho pelos no lado direito do rosto. É claro que eu poderia raspar o outro lado e ficar menos assimétrico, algo que fiz por muitos anos. A história um pouco mais complexa por trás da meia barba começou após meu aniversário de 50 anos, quando passei um mês fazendo trilha sem me barbear nem dar atenção à minha aparência. Quando a trilha terminou, não gostei do que vi no espelho. Só que aqueles pelos eram um lembrete da viagem, então decidi passar mais algumas semanas sem fazer a barba.

E foi aí que algo inesperado aconteceu: comecei a receber e-mails e mensagens em redes sociais de pessoas que me agradeciam pela meia barba. Elas me explicavam que também tinham lesões e que a maneira como eu lidava abertamente com minhas cicatrizes lhes dava coragem de expor as suas. Essas mensagens me fizeram lembrar o início de tudo, quando eu ainda tinha cicatrizes muito visíveis. As pessoas apontavam para mim, às vezes

rindo. Pais diziam aos filhos: “É isso que acontece quando você brinca com fogo.” Foi bem horrível.

Então resolvi manter a meia barba. Isso me tornava alvo de olhares curiosos e do escárnio de crianças, mas senti que voltar a me barbear esconderia minhas lesões, quando eu queria aceitá-las de modo mais sincero e aberto.

Nos meses seguintes, algo ainda mais inesperado aconteceu: a estranheza da meia barba me ajudou a me aceitar por completo. E não apenas minhas cicatrizes no rosto. Tenho várias outras assimetrias por causa das queimaduras e, por algum motivo, manter a meia barba me ajudou a pensar nelas de um jeito diferente, tanto que agora as considero parte de quem sou. Elas simplesmente documentam um capítulo da história da minha vida.

Essa nova autoaceitação me fez perceber algo sobre a rotina de me barbear, algo que fiz por tantos anos. Eu não fazia a barba simplesmente; todo dia eu reiniciava um processo para me tornar menos assimétrico e disfarçar um pouco meus ferimentos. Qual tinha sido o impacto dessa auto-ocultação diária sobre a maneira como eu pensava sobre mim mesmo e minhas cicatrizes? Finalmente entendi que me barbear (ou me esconder) me impedia de aceitar minha versão ferida. Quando parei com isso, as coisas melhoraram muito para mim.

Como um cientista social que deveria compreender a natureza humana, fico um pouco envergonhado de admitir que as vantagens da minha meia barba me pegaram desprevenido. Eu nem imaginava que parar de me barbear transformaria tanto minha perspectiva. (E nem imaginava que, nos cantos obscuros da internet, acabaria ganhando o apelido hogwartiano de “Professor Meia Barba”.) Talvez esse seja outro lembrete de que nossas intuições são limitadas e de que precisamos estar mais dispostos a aceitar novas possibilidades, mesmo que de início não acreditemos muito nelas.

O que eu faço agora?

Passei horas e mais horas lendo publicações e assistindo a vídeos sobre minha versão imaginária a ponto de achar que estava perdendo a cabeça. E falo isso no sentido literal. Parte do meu cérebro parecia estar constantemente atenta ao ódio que eu recebia, deixando menos energia para o trabalho de verdade. Imagine um computador que dedica uma parte

excessivamente grande de sua capacidade de processamento a uma função rodando em segundo plano. Era assim que eu me sentia. Só que, ao contrário de um computador, eu tinha plena noção de que estava mais lento que o normal. E suspeitava que uma reinicialização não seria suficiente para me fazer recuperar a velocidade. Eu estava demorando mais para tomar decisões e me sentia menos confiante sobre elas. Será que meu QI estava sendo destruído pela minha preocupação com a desinformação dos outros? Por que eu estava tão obcecado com aquelas inverdades?

Ao contemplar minha lentidão, vi com outros olhos um tema de pesquisa pelo qual eu me interessava muito, mas que até então não compreendia: a **mentalidade de escassez**. Pesquisas sobre o assunto mostram que os participantes tiram notas muito mais baixas em testes de QI quando sua situação financeira é relativamente pior (fazendeiros que ainda precisavam esperar algumas semanas para a temporada de colheita, por exemplo) do que quando têm algum dinheiro (fazendeiros que tinham acabado de colher e vender suas safras). E as diferenças são grandes em termos de habilidade mental (inteligência fluida e controle executivo) quando estavam estressados por causa de dinheiro. A minha crise não era financeira, mas as consequências de passar o tempo todo preocupado eram parecidas. Estudei mais e mais pesquisas sobre a mentalidade de escassez – a noção de que a falta de recursos inibe a capacidade cognitiva ao ocupar parte da capacidade cerebral, que é limitada – e comecei a compreender esse efeito de maneira mais profunda, me solidarizando com os participantes dos estudos. Passar o tempo todo assombrado por preocupações é um fardo enorme. Algum grau de preocupação pode ser útil, já que aumenta a probabilidade de prestarmos atenção nas coisas e tomarmos decisões melhores. Só que a preocupação constante, a preocupação que devora boa parte do nosso foco e da nossa capacidade intelectual, essa é inútil de todas as formas.

Reconhecer que minha cognição estava prejudicada e comparar isso à mentalidade de escassez não foi uma epifania extraordinária, mas mudou meu estado emocional. A sensação de desamparo diminuiu um pouco. Em seu lugar, como um brilho de luz, surgiu uma velha amiga: a curiosidade. Afinal de contas, sou um cientista social. Minha vida foi dedicada à compreensão do comportamento humano, em toda a sua linda irracionalidade, e minhas aventuras intelectuais costumam ter como ponto de partida

minhas próprias experiências. Talvez eu não conseguisse argumentar com aquele grupo, que dirá silenciá-lo, mas poderia tentar entender a lógica por trás das histórias criadas sobre mim. De quebra, poderia me tornar um cientista social melhor e recuperar certo controle sobre a narrativa. Decidi ver aonde as pesquisas me levariam.

Ao saber do meu plano, minha mãe temeu pela minha segurança. Ela me pediu para, antes de tudo, consultar especialistas em redes sociais e relações públicas, e fiz isso. Não foi surpresa o conselho que todos me deram: *Não faça nada*. Esse é o conselho-padrão na nossa era de fake news, polarizações cada vez mais acirradas, debates explosivos e meios de comunicação imparciais: *Ignore. Não dê corda!* (São bons conselhos, aliás, e, se minha cabeça funcionasse de outro jeito, eu talvez os tivesse seguido.) Um especialista até me disse que ser associado a Bill Gates e aos Illuminati pelos negacionistas da covid poderia melhorar minha reputação.

Então tentei parar de interagir com meus detratores. Durante o dia eu me ocupava com pesquisas para lidar com as consequências sociais da pandemia, então era fácil ficar fora das redes sociais e me concentrar no trabalho. Só que à noite a coisa mudava de figura. Os pesadelos não paravam, sonhos apavorantes em que eu era caçado e assombrado. Eu também tinha um sonho recorrente em que viajava pelo mundo, indo de cidade em cidade, buscando um lugar com menos ódio para chamar de lar. Após algumas semanas, percebi que não conseguiria continuar assim. Eu estava muito magoado e confuso, o que só aumentou minha curiosidade. Para mim, a melhor maneira de lidar com o problema era tentar entender aquele fenômeno e usar tudo que eu sabia sobre ciências sociais para dar sentido ao que estava acontecendo comigo. Eu nunca tinha imaginado que seria transformado em vilão por dezenas de milhares de pessoas, e, quando isso aconteceu, parecia que minha sanidade dependia de entender como – e por quê. Foi assim que nasceu este livro.

Como escrevi este livro

A jornada deste livro começou com minha própria experiência, mas logo se voltou para um fenômeno que afeta todos nós. Acabei me aventurando por áreas de pesquisa novas para mim, como personalidade, psicologia

clínica e antropologia. Desinformação e teorias da conspiração são desafios que vão além do campo das ciências sociais, ultrapassam o escopo da minha especialidade e não cabem num só livro. Tecnologia, política, economia e outros fatores impulsionam e aceleram esses problemas. Com o advento de tecnologias avançadas de inteligência artificial (como ChatGPT e companhia) e a polarização contínua sobre tudo, é difícil entender sob uma perspectiva social e estrutural como podemos solucionar esses problemas de forma rápida. O que me fascina – e onde vejo chance de uma mudança positiva – é compreender por que as pessoas são tão influenciáveis. Por que será que acreditamos em informações erradas e, mais que isso, as buscamos e espalhamos? O que acontece quando uma pessoa aparentemente racional começa a cogitar, adotar e então defender crenças irracionais? Abordar essas questões com empatia, e não com zombaria e julgamento, é ao mesmo tempo esclarecedor e desconcertante.

Neste livro usarei o termo **negacionismo** para descrever o fenômeno que abordamos. O negacionismo é uma lente distorcida pela qual as pessoas começam a enxergar o mundo, refletir sobre ele e, a partir daí, descrevê-lo para os outros. Também é um processo – um tipo de funil que vai puxando as pessoas cada vez mais para o fundo, que chamo de funil da falácia. Meu objetivo aqui é mostrar como qualquer um, sob determinadas circunstâncias, pode acabar caindo nessa armadilha. É claro que é mais fácil pensar no assunto como algo que acontece com outras pessoas. Mas este livro também fala sobre cada um de nós. Sobre como formamos nossas certezas e as consolidamos, defendemos e difundimos. Minha esperança é que, em vez de apenas olhar ao redor e se perguntar “Como é que alguém pode ser tão louco assim?”, a gente comece a entender e ter empatia com as necessidades emocionais e as forças sociais e psicológicas que levam cada um de nós a acreditar no que acaba acreditando.

As ciências sociais oferecem ferramentas valiosas para compreender os vários elementos desse processo e para contê-lo. Boa parte das pesquisas que apresento aqui não é nova. Na minha busca por elucidar os elementos emocionais, cognitivos, sociais e de personalidade que levam as pessoas ao negacionismo, peguei-me recorrendo várias vezes a alguns alicerces das ciências sociais. Isso não é surpreendente. Afinal de contas, a propensão para distorcer a realidade faz parte da natureza humana.

De muitas formas, este livro aprofunda meus trabalhos anteriores, especialmente minha pesquisa sobre a irracionalidade humana. Afinal, o que poderia ser mais irracional e mais humano do que negar a realidade e adotar uma série de crenças sobre as quais há pouquíssima ou nenhuma evidência? E insistir nessas crenças mesmo quando elas nos distanciam de familiares e amigos e nos levam a viver num estado doloroso de desconfiança e suspeita?

Por outro lado, este é um livro muito diferente de todos que já escrevi. Primeiro, ele é mais pessoal. As experiências que o inspiraram foram desafiadoras e desgastantes, e precisei passar um bom tempo imerso nessas experiências para poder conduzir minha pesquisa, o que as tornou ainda mais desconfortáveis. Em segundo lugar, este livro examina um fenômeno que é muito mais complexo e multifacetado do que qualquer coisa que já pesquisei antes. Os estudos que conduzi e apresentei nos meus outros livros giravam em torno de assuntos específicos como procrastinação, motivação no ambiente de trabalho, relacionamentos virtuais e concepções erradas sobre dinheiro. Minhas hipóteses eram precisas e minhas pesquisas respondiam a perguntas práticas e relevantes (pelo menos gosto de pensar assim). Só que, agora, o problema que me dispus a compreender bebe de várias fontes e inclui muitos elementos que se cruzam. Desde o começo eu sabia que não encontraria uma resposta simples. Mesmo assim, minha esperança era conseguir oferecer uma base útil para entender o que acontece quando se cruza a fronteira da crença e se começa a distorcer a realidade.

Minha abordagem, como não poderia deixar de ser, foi uma mistura de reflexão pessoal, conversas, pesquisas antropológicas e uma revisão abrangente da literatura das ciências sociais que pode ajudar a elucidar diferentes aspectos sobre o assunto. Para escrever este livro, recorri não apenas à minha memória, mas também a pesquisas e outras pessoas. Guiado pela minha própria experiência, dediquei horas a analisar fontes diferentes de informação e desinformação; a ouvir e às vezes participar de discussões virtuais; a ler textos acadêmicos; e a conduzir minha própria pesquisa (e “pesquisa”, aqui, não significa ver vídeos no YouTube).

Para minha surpresa, acabei mantendo contato e até desenvolvendo uma espécie de amizade com alguns negacionistas – justo as pessoas que propagavam ódio contra mim na internet. Você vai conhecer muitas dessas

peessoas nos próximos capítulos. Elas começaram como minhas arqui-inimigas, mas se tornaram objetos de estudo antropológico, essenciais para minha pesquisa mais ampla. Tentei conhecê-las, ter empatia, compreender o que as levou a passar pelo funil da falácia, e então usei as lentes das ciências sociais para teorizar sobre o que descobri. Alterei nomes, descrições físicas, nacionalidades e ocupações para resguardar a privacidade dessas pessoas, sempre mantendo a essência dos relatos. Reproduzi conversas da melhor forma que consegui e me baseei em mensagens de texto, e-mails e publicações nas redes sociais (ora resumidas, ora traduzidas). Minha intenção não foi fazer uma transcrição exata, mas transmitir o significado do que foi dito e o clima da interação.

Espero que, por meio dessas histórias e reflexões, possamos compreender um pouco melhor o que está acontecendo no mundo e debater como nós – indivíduos, famílias e sociedades – podemos melhorar a situação. À medida que o problema se agrava, talvez o caminho mais imediato para a mudança seja um foco no elemento humano: compreender e combater as crenças falsas que os outros e nós mesmos propagamos. Sei que não é fácil. No entanto, há muitas pequenas atitudes que podemos tomar para não cair em falácias, para impedir que os outros adotem falsas narrativas e para diminuir ou reverter o processo do negacionismo em alguém que conhecemos e amamos. Ao longo do livro você vai encontrar minhas sugestões sob o título “Talvez seja útil”, uma seção com várias ferramentas e ideias oriundas das ciências sociais que podem ser úteis para encararmos esse desafio. Sinceramente espero que as sugestões ajudem e reconheço que todos temos muito a aprender sobre como desemaranhar a teia de falácias e desinformação que capturou nossos discursos na política e na vida pessoal.

Talvez seja mais útil – e inspirador – começarmos pela compreensão e pela empatia. Sim, o conteúdo das fake news que encontramos é bem variado: engraçado, estranho, ridículo, ofensivo e até perigoso. Parte dessas fake news merece o rótulo pejorativo de “teoria da conspiração”. Mas o que leva as pessoas a interagir com esses conteúdos pode ser mais compreensível do que gostaríamos de admitir. Tentei tratar os negacionistas que encontrei com curiosidade genuína, reconhecendo que eu não ganharia nada ao desmerecer, ridicularizar ou cancelar as pessoas cujas crenças parecem ser incompatíveis com a minha realidade. Esse foi um dos motivos pelos quais

escolhi o termo *negacionistas* em vez de “teóricos da conspiração”. Espero que essa abordagem nos ajude a entender melhor as pessoas que enxergam o mundo de um jeito incompreensível para nós. E pode ser que, no processo, passemos a questionar algumas das nossas crenças e as razões pelas quais as adotamos. Afinal de contas, de certa forma, todos temos nossa própria realidade.

CONHEÇA OS LIVROS DE DAN ARIELY

A psicologia do dinheiro

Previsivelmente irracional

A (honest) verdade sobre a desonestidade

Desinformação

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

